

TEMA 1

A ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DE COLECTIVIDADES RURAIS (resumo)

por

José Manuel Sobral

José Manuel Sobral centrou a comunicação sobre a sua própria experiência de trabalho de campo, numa aldeia da Beira Alta. Referindo-se, sobretudo, à problemática da reprodução social, privilegiou a análise das representações sociais locais acerca da estrutura social da colectividade, com desigualdades muito marcadas. Mostrou, assim, a fecundidade do estudo da «economia moral»; e, neste quadro, chamou a atenção para as virtualidades da investigação focalizada nos processos de construção social do passado, de uma memória histórica colectiva.

DEBATE

Augusto Santos Silva: Penso que a comunicação inicial permite levantar várias pistas que podem ser seguidas na discussão e que, em certa medida, se prolongarão nas discussões desta tarde. É interessante notar, do ponto de vista do que é a tradição antropológica, pelo menos a que era mais consistente em Portugal e que está recentemente em causa, como a experiência relatada pelo José M. Sobral é a experiência da análise de um espaço social que nós estaríamos, aparentemente, muito longe de caracterizar como uma comunidade. Aliás, há um pequeno dado muito interessante na própria exposição: o tema é a análise antropológica das colectividades rurais, e o José Manuel Sobral falou sempre em comunidade. Uma primeira pista para a discussão, a meu ver, pode ser essa; de facto, como vários outros trabalhos recentes em antropologia publicados em Portugal têm vindo a insistir, a antropologia não é necessariamente a análise de comunidades no sentido que o senso comum pode atribuir a esta expressão, no sentido de espaços sociais fortemente homogêneos mesmo que socialmente diferenciados. A experiência relatada é proveniente da análise de uma comunidade fortemente contrastada, não só ao nível da estrutura social, mas também ao nível das representações sociais, do sentido que os actores sociais atribuem às suas acções e à estrutura social.

Uma segunda questão que pode ser bastante interessante é esta: digamos que um certo predomínio da maneira etnográfica de analisar colectividades tradicionais, no nosso país, tem induzido as pessoas interessadas, os estudiosos e não propriamente os especialistas, na ideia que fazer etnologia de espaços locais é recensear as suas tradições, os seus usos e costumes e as ideias que as pessoas vão exprimindo em conversa com o inquiridor (ou investigador, para usar uma expressão menos policial). O que acho interessante na exposição do José Manuel Sobral é exactamente a insistência com que ele frisa que a análise das representações sociais é insubstituível. Nós não podemos ficar só na análise da estrutura social, nomeadamente, recorrendo a dados duros, a factos duros e à análise no limite quantitativa. Portanto, como ele frisa, a análise das representações sociais é insubstituível. Mas é insubstituível se teoricamente orientada, quer dizer: há um problema em questão, que é o problema da análise dos processos de reprodução social, e é em relação a esse problema que faz sentido analisar o modo como as pessoas atribuem sentido à sua vida e à sua

organização social. É muito importante, suponho eu, discutir um pouco isto. Penso que vamos discutir de manhã e vamos discutir da parte da tarde esta ideia de que fazer a investigação etnográfica não é meramente fazer um re-enseamento de tradições, usos e costumes.

Finalmente, outro ponto que me parecia talvez interessante explorar (visto quer a formação histórico-antropológica do nosso convidado, quer a formação historiográfica de uma parte muito importante da assistência) é exactamente esta ideia da ligação, da articulação entre a análise antropológica e a análise histórica, sobretudo esta ideia de que estudar colectividades locais de hoje é estudar também os modos diferenciados como as colectividades de hoje constroem socialmente o seu próprio passado. É muito interessante, nomeadamente, tendo em conta como, nas nossa escolas, nós fomos redescubrimo, através sobretudo de alguns livros de autores franceses e ingleses, a importância recentemente dada à articulação entre a história e a antropologia. É de interesse notar, penso eu, que ela se faz não apenas do modo clássico de *Montaillou* de E. Ladurie, portanto fazer uma análise antropológica utilizando fontes e referenciando-nos a acontecimentos e processos do passado, mas também — o que é capital a meu ver — tentando fazer exactamente o que se chama de análises regressivas, quer dizer, partir do presente e tentar perceber como as colectividades locais de hoje constroem socialmente o seu passado e como é importante perceber essa construção para perceber o que elas são hoje.

Alice Duarte Geraldès: Na parte que me toca eu queria agradecer ao nosso conferencista a comunicação que fez e que, tanto quanto me diz respeito, fez-me reviver toda a exaltação e ao mesmo tempo os tormentos do trabalho de campo que realizei, há quatro anos, aqui no Norte de Portugal. Estou aqui a reviver o que me atormentou e o que me foi extremamente agradável. Agora queria dizer o seguinte: é que verifico que Portugal, por mais que se estique a bitola, é sempre igual de Norte a Sul. Portanto, toda a sua informação cabia absolutamente na minha experiência; a mesma maneira de reagir do povo; as mesmas diferenciações sociais, as mesmas conceptualizações. É muito curioso, passando-se a minha experiência aqui no Minho e localizando-se a sua aldeia na Beira.

Agora queria entrar um bocadinho mais no assunto que me interessa e que é o seguinte: Eu fiz o percurso contrário. Sou antropóloga e utilizei muitas fontes históricas. Apresentei uma tese de doutoramento que tem exactamente este título «Um Processo de Reprodução Social em Mudança» e realizou-se aqui na Correlhã (uma freguesia de Ponte do Lima). Utilizei muitas fontes históricas, fiz também a reconstituição histórica a partir da população, compreendendo um período histórico de cem anos, mais ou menos do fim do século passado até agora, e fui acompanhando o percurso da comunidade. (Eu chamo-lhe comunidade sem receio nenhum: apesar dessas grandes diferenciações existentes, apesar das relações com a vila, apesar das comunicações que tem

com o exterior e as estratégias e as redes matrimoniais que se alargam a várias freguesias, eu chamo-lhe comunidade). Mas, como ia dizendo, para reconstituir esse passado histórico foi efectivamente a população quem o ajudou a reconstituir e não só eu; mas isso foi acompanhado de documentação histórica, a documentação histórica que é a melhor que se encontra nas aldeias: a dos arquivos paroquiais. Acerca de algumas fontes histórias encontradas no arquivo, o que eu lhe queria pôr era o seguinte: encontrei uma grande dificuldade nessas fontes porque elas não eram fidedignas; e foi extremamente curioso porquanto, em contacto com a população, foi a própria memória viva da população que me ajudou a corrigir os assentos dos baptismos, portanto os dados que constavam desses documentos.

Ajudaram-me a corrigi-los porque não estavam correctos e se eu tivesse partido simplesmente desses dados históricos, tinha chegado a conclusões completamente erradas. Não sei se o mesmo aconteceu consigo. Eu penso que é preciso ter um cuidado muito grande com a utilização dessas fontes históricas, porque nem todas elas são fidedignas, sobretudo aqui nesta zona, onde os párocos, sobretudo a partir da implantação da República, entraram numa certa anarquia no preenchimento dos assentos de casamentos, de baptismos e de mortes. Só lhe queria perguntar se realmente encontrou estes problemas e como é que os resolveu. [...]

Um dos aspectos curiosos era a anarquia que reinava na atribuição de profissões às pessoas. Eu utilizei muito a variável profissão na análise que fiz mas aqui tudo era caótico; de padre para padre, mudavam os critérios de classificação. No caso das mulheres, a partir de certa altura — a meio do século — estas passam a ser designadas como domésticas, quando tal não correspondia à verdade. Ainda hoje é-lhes muito difícil entender o que é doméstica e nenhuma delas se aceita como tal. Todas elas tiveram uma profissão mas, a partir de determinada altura, são registadas e classificadas como domésticas. É um factor ideológico que interfere na maneira como os assentos são feitos e isto perturba a análise que se pretende fazer. [...]

É um facto. Podiam falhar noutro tipo de profissões a atribuir, mas a pobreza aparece como uma profissão, sobretudo no fim do século passado — «profissão pobre». Mesmo no acto do matrimónio: «padrinho, profissão: pobre» aparece imenso; e isso permite avaliar realmente até do nível de pobreza da comunidade.

Pedro Hespanha (*Faculdade de Economia de Coimbra*): Eu gostei imenso da exposição do Sobral, que levanta uma série de questões interessantes. Limitar-me-ei a tentar relacionar o que for mais interessante nesta parte da manhã, uma vez que estamos centrados nas questões das comunidades rurais. O que me parece interessante nesta exposições é que fica muito claro que considera a colectividade, comunidade ou aldeia rural, como um espaço diferenciado. Pelo menos no modo como foi apresentado o trabalho, essa grande preocupação

ficou clara; não sei se a outra a que me vou referir é também considerada. Se a aldeia é um espaço diferenciado, também é um espaço aberto. Quando se está a estudar os fenómenos de reprodução social e se nos quisermos limitar à reprodução económica, há consciência de que em todas as aldeias portuguesas faz sentido considerar este aspecto da abertura ao exterior. Existe um espaço de reprodução muito alargado para além fronteiras da aldeia. A opção de J. M. Sobral foi estudar apenas uma aldeia e não o conjunto da freguesia; mas a forma como ele apontou as relações que existem entre os núcleos da aldeia e as diferentes partes da freguesia, dá ideia que há uma grande interação e uma grande complementariedade em termos de reprodução do espaço social da freguesia.

Aquela opção tem algumas consequências: ele está a estudar profundamente uma aldeia onde é dominante o estrato social dos jornaleiros e, naturalmente, não vai poder dar tanta atenção à reprodução da outra componente da sociedade local, que reside fora desta aldeia. Mas este raciocínio pode-se ampliar precisamente para fora do espaço local, se pensarmos por exemplo, nas migrações. A questão é de saber como se vai relacionar a reprodução dos diferentes grupos com o espaço externo e, até onde chegam essas relações. E daqui decorre uma série de consequências teóricas, por exemplo, a da velha questão de saber o que é a comunidade: se definirmos a comunidade como uma relação, privilegiando a componente da relação social em detrimento do aspecto ecológico da localização espacial, ou se resolvermos o problema estudando uma aldeia, privilegiando a localização e o espaço físico ocupado por uma população. Se a concepção que temos sobre a reprodução de uma população é pensada em termos sociais amplos, então já é discutível se vamos estudar a aldeia, a freguesia ou mesmo a economia mundial.

São questões que o J. M. Sobral considerou, por certas referências que nos dá, mas gostava que falasse mais sobre elas. O aspecto que ele escolheu, a diferenciação social interna, é o aspecto que está a ser mais estudado e que conhecemos melhor. O outro, o de as aldeias serem um espaço aberto, coloca problemas especiais que têm reflexos na própria estruturação social da aldeia. Simplesmente há um processo, uma transformação, uma mudança. Quando o J.M. Sobral estuda os modos de reprodução social, esse processo não fica muito claro, salvo no aspecto relativamente limitado da relação entre os grupos da mesma aldeia e do seu espaço social. Mas parece que os elementos mais importantes da dinâmica social já não estão hoje aí.

Faltam-nos referências sobre o modo como os recursos externos do grande mercado, da economia externa (tudo isto são expressões problemáticas, de qualquer maneira podemos lidar com elas), são utilizados pelos grupos para a sua reprodução social; sobre o papel cada vez mais importante da componente salarial e, sobre, o modo como isso se relaciona com a esfera económica da aldeia. Quer dizer, se é preciso que venham os ciganos para assegurar certos

serviços, isso também é o reverso de alterações importantes na reprodução das famílias de trabalhadores rurais.

Henrique Gomes de Araújo: A comunicação de José Manuel Sobral foi muito importante. Mas a pergunta que faço a mim próprio é: o que está *antes*, e que determina os frutos desse trabalho — frutos a que nós assistimos hoje. É o problema da integração na colectividade — e o José Manuel Sobral deu dois tópicos: a perda da identidade e, mais tarde, o dique que se realiza. A escola americana de *Gregory Batteson*, que faz estudos sobre comunicação, diz que a comunicação só é gratificante se consegue ser comunicação sobre a comunicação. Ora, eu penso que nós não conseguimos, nas faces iniciais do trabalho de campo, comunicar sobre a comunicação que vem da colectividade para nós próprios; e daí surgirem fenómenos, de comunicação paradoxal, isto é: efeitos perversos da comunicação sobre os comportamentos. Não sei se o José Manuel Sobral pode dar uma contribuição a isto; eu penso que é sempre uma matéria oculta nos nossos trabalhos, o processo de integração que está por trás do trabalho que apresentamos ao público.

Luís Polanah: Felicito-o pelo cuidado, pelo pormenor, pela lição que nos dá a todos que somos praticantes desta ciência. Tenho estado a estudar uma pequena freguesia na cidade de Famalicão e estou actualmente bastante interessado em estudar outros aspectos, não visíveis mas sensíveis, dificilmente talvez quantificáveis. O Senhor tocou num desses assuntos — a taberna. Ela é o espaço onde as pessoas, da localidade que estuda, exploram todas as possibilidades da má língua, da difamação, de assuntos sexuais, traições, fidelidades, etc. Essas forças, ou actividades, são permanentes nestas comunidades e são, em certo sentido, forças disruptoras, forças que aparentemente ameaçam a unidade, a harmonia dos diferentes elementos que compõem a comunidade.

Não sei se teria examinado, se se teria preocupado em verificar os aspectos positivos que resultam desta actividade ou deste entretenimento de falar mal do outro por trás e fazer a [...] pela frente, e até, se calhar, convidar a tomar um copo de vinho. Mas teria sido a oportunidade de pensar porque é que o homem é assim? Porque é que as pessoas de uma comunidade aparentemente equilibrada, onde todos se entendem, se dão bem, evitam acentuar as suas desigualdades, ou diferenças, no momento em que podem reunir elementos de confiança, desabafam contra este e contra aquele com a linguagem que todos nós conhecemos, a do português quando está descontraído.

Outro aspecto é se teria reparado na existência nessa aldeia da sobrevivência daquelas formas tradicionais de cooperação que tanto encantam os etnólogos nossos antecessores.